

Religião, identidade e poder no fim do mundo antigo: uma comparação das representações de gênero nas obras de Jerônimo e Agostinho.

Fabiano de Souza Coelho¹

Apresentação

No meu mestrado em História², realizei a análise do conflito entre cristãos e os pagãos a partir da obra *A Cidade de Deus* de Agostinho, bispo de Hipona, no século V. Abordei, então, o processo feito por Agostinho de reafirmação da identidade cristã em detrimento a construção de estigmas contra os pagãos e as práticas religiosas politeístas. Na presente pesquisa, tendo como base a produção escrita de Agostinho e Jerônimo, ampliarei e aprofundarei os estudos sobre esses personagens importantes para a cultura ocidental.

A minha proposta de pesquisa do doutorado está vinculada ao Programa de Pós-graduação em História Comparada (UFRJ), inserida na linha de pesquisa "Poder e Discurso". Optei por trabalhar as questões do gênero no mundo antigo, em particular, no âmbito da religião cristã. Há, pois, o desafio das fontes sobre essa temática ter sido elaborada por membros do clero masculino da Igreja. Considero que Jerônimo e Agostinho foram dois dos principais formuladores da cultura e moral da Antiguidade Tardia e, em especial, dentro da perspectiva do estudo do gênero, suas maiores contribuições foram de apresentar o papel social e institucional dos cristãos em sua sociedade.

Faço uso do conceito de gênero como uma categoria de análise da história. Esse conceito nos é útil para pensarmos nossos objetos de pesquisa numa perspectiva teórica. Gênero é uma teoria

¹ Doutorando no Programa de Pós-Graduação em História Comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (PPGHC/UFRJ), orientado pela Professora Doutora Regina Maria da Cunha Bustamante e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Ensino Superior (CAPES).

² Dissertação intitulada "Religião, identidade e estigmatização: Agostinho e os pagãos na obra *De Civitate Dei*", realizada no Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGHIS/UFES), entre os anos de 2009 a 2011.

relevante para entendermos os fatos históricos, e, entretanto, existe no meio acadêmico um uso equivocado de certos conceitos teóricos motivados por “modismo”, ou seja, parte das pesquisas utilizam teorias que estão sendo mais realizadas pelos professores renovados etc. Desta maneira, temos que repensar as teorias utilizadas em nossos trabalhos acadêmicos não como “modismo”, mas, ao contrário, essas devem ser representadas como a forma que entendemos, interpretamos o mundo. Portanto, entender as relações entre homens e mulheres, a partir da perspectiva de gênero nos leva a trabalhos fecundos e profundos que vem sendo produzidos nas últimas décadas.

Com isso, como entendo gênero. Concordo com Scott (1986) que nos apresenta a utilidade do conceito de gênero na análise histórica. O estudo de gênero comumente nos dias atuais está ligado a questões relacionadas às mulheres; contudo, afirma essa autora que a expressão gênero além de substituir o termo mulheres, também nos remete que qualquer dado sobre as mulheres nos leva a buscarmos informações sobre os homens, a saber, um implica o estudo do outro.

O conceito gênero é usado para determinar as relações sociais entre os sexos – sua utilização repudia as concepções biológicas, na qual nos remete a subordinação e fragilidade feminina ante ao polo masculino. Assim, gênero nos comunica a ideia de construções culturais, isto é, a criação social dos papéis adequados aos homens e as mulheres; *grosso modo*, gênero é uma categoria social aplicada sobre um corpo sexuado (SCOTT, 1986).

Assim sendo, Scott (1986, p. 1067) define gênero como “[...] elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e [...] uma forma primária de dar significado as relações de poder [...]”³. Logo, compreendemos que essa categoria de análise nos transmite como são sexualmente produzidas as diferenças culturais, políticas e de poder. Deste modo, o estudo de gênero tem como base as diferenças hierárquicas que distingue as relações sociais entre homem e mulher.

Ao se fazer uso dessa categoria teórica e se voltarmos no contexto histórico de Jerônimo e Agostinho podemos ver como existe no discurso desses autores eclesiástico trechos carregados de informações relacionadas aos papéis construídos e esperados para o polo masculino e feminino na sociedade romana do século IV e V. Desta feita, também, podemos realizar uma conexão dessa

³ Temos o trabalho de Heilborn, Araújo e Barreto que definem também gênero como “[...] às construções e às expectativas sociais sustentadas em relação aos homens e às mulheres. Gênero diz respeito ao modo como nossa sociedade constrói representações sobre ser homem e ser mulher e pressupõe que sejam naturalmente estabelecidos [...]” (HEILBORN; ARAÚJO; BARRETO, 2010, p. 13).

questão com os dias atuais e isso nos leva a identificar que as questões de gênero vêm sendo muito discutida não apenas no âmbito acadêmico, mas pela sociedade civil, pelos meios de comunicações, pelas instituições religiosas, entre os Poderes Públicos etc.

A pesquisa de doutorado propõe um estudo sobre a condição masculina e feminina na Antiguidade Tardia, ancorado nas obras de Jerônimo e de Agostinho⁴. Será realizado um estudo comparado das representações de gênero nas obras desses autores e o processo de construção de rótulos depreciativos contra as mulheres, considerando como parâmetro de comparação as realidades sociais vivenciadas por cada autor eclesiástico.

Jerônimo e Agostinho viveram em um período quando o cristianismo era religião do Estado Romano e, por causa disso, as estruturas do poder político estavam em íntima conexão com o poder religioso. Mesmo que a cristianização do Império em sua totalidade fosse ainda incipiente, a teoria religiosa cristã se adequou à nova realidade da sua sociedade e traduziu o novo acordo entre o Estado, a Igreja e os fiéis, de tal maneira que conferiu um sentido religioso às novas realidades políticas (PAGELS, 1989).

A sociedade, em que Agostinho e Jerônimo viveram, foi edificada mediante a tensão entre cristãos e pagãos; católicos e hereges; verdade cristã e suposição mundana; Igreja e século (*saeculum*); alma e corpo (BROWN, 1990). Toda essa conjuntura fez de Agostinho e Jerônimo polemistas e apologistas, que debateram inúmeras questões referentes às realidades temporais e espirituais de seu tempo. Assim, acontecimentos, objeções e questionamentos particulares contrários à religião cristã entre 390 e 415 levaram Agostinho e Jerônimo a inúmeras discussões sobre as diversas realidades morais cotidianas. Os assuntos abordados por Agostinho e Jerônimo, nesse contexto temporal, versaram sobre casamento, virgindade, ascetismo, santidade e abstinência sexual; apresentaram, então, o papel social de homens e mulheres no mundo cristão. Agostinho e Jerônimo, ao escreverem sobre esse tema, respondiam aos inimigos da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, cristalizavam e reafirmavam a identidade cristã na sociedade de seu tempo.

⁴ Dado a particularidade do estudo comparado proposto, selecionamos as seguintes obras de Jerônimo e Agostinho: *Adversus Iovinianum* (Contra Joviniano), escrita entre 392 e 393; *De Bono Coniugali* (O bem do matrimônio), escrita entre 401 e 412; *De Sancta Virginitate* (A santa virgindade), escrita em 401; e *Epistulae* (Cartas), correspondência de Agostinho com Jerônimo entre 390 e 415. Além desse *corpus* documental, se necessário, irei fazer uso de outras fontes produzidas por Agostinho e Jerônimo, quando aludirem ao nosso objeto de pesquisa.

Em 392, chegou ao conhecimento de Jerônimo, por intermédio de Marcela, notícias acerca de um monge chamado Joviniano⁵, autor de uma obra chamada *Commentarioli*, que apresentava sua doutrina, contrária a qualquer tipo de ascetismo e que ganhava adeptos em Roma. Partia da premissa de que homens e mulheres, que viviam em estado de matrimônio, celibato ou virgindade, tinham méritos equiparados para religião cristã (RODRÍGUEZ DÍEZ, 2007). Essa obra foi enviada a Belém solicitando uma resposta de Jerônimo contra as ideias de Joviniano (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009). Jerônimo escreveu o tratado *Contra Joviniano – Adversus Iovinianum* – entre 392 e 393, no qual refutou os argumentos que defendia a igualdade espiritual de todos os cristãos batizados e apresentou a superioridade daqueles que eram continentos e castos, o que causou escândalo na sociedade romana por sua radicalidade (VESSEY, 2001). Assim, por um lado, essa obra contra Joviniano funcionou como instrumento de inspiração religiosa e, por outro, como meio de irritação para alguns cristãos (BROWN, 1990). As teses defendidas por Jerônimo na sua obra *Contra Joviniano* causaram certo receio entre os cristãos de Roma – em particular, Panmaquio, que tentou conter a circulação e recepção dessa obra em Roma.

Em 401, Agostinho escreveu também obras contra Joviniano, apresentado a sociedade romana uma visão menos radical sobre castidade, casamento e virgindade (CASQUEIRO; CELESTINO, 2009, p. 49)⁶. O bispo escreveu sua primeira obra específica sobre o casamento – *De Bono Coniugali* – entre 401 e 412, em resposta a controvérsia levantada em torno do monge Joviniano, em Roma. Apesar das condenações feitas pelas autoridades da Igreja e pelo Império Romano⁷, as ideias de Joviniano se difundiram no início do século V. Da mesma forma, agregado a doutrina de Joviniano, existia, nesse contexto, a crítica maniqueísta ao casamento, também combatida por Agostinho nesse tratado moral sobre o matrimônio cristão (HUNTER, 2001). Seguindo a mesma perspectiva acerca das questões referentes ao casamento, o bispo de Hipona aborda, no novo tratado, a temática sobre a virgindade e a continência sexual consagrada. O escrito sobre a virgindade – *De Sancta Virginitate* – foi um complemento feito por Agostinho sobre suas reflexões anteriores sobre o casamento dando ênfase agora a virgindade; também, nessa obra,

⁵ O monge Joviniano residia em Roma no final do século IV. Defendeu a ideia de que a graça batismal era idêntica em todos os cristãos, tanto casados quanto celibatários e virgens. Esse monge estimulou que as virgens consagradas e monges contraíssem o matrimônio. Teve os seguintes opositores: Jerônimo, Ambrósio e Agostinho que condenaram sua doutrina (GRIBOMONT, 2002, p. 783).

⁶ Diferente de Jerônimo, o bispo Agostinho apresentou uma visão mais moderada e menos unilateral sobre a sexualidade nos seus tratados morais – *De bono conjugali* e *De sancta virginitate* (VASSEY, 2001).

⁷ A doutrina de Joviniano foi declarada contrária a ortodoxia católica e condenada como heresia pelo bispo de Roma, Sirício, em 392, e pelo bispo de Milão, Ambrósio, em 393 (RODRÍGUEZ DÍEZ, 2007). Ademais, o bispo Sirício condenou e excomungou esse monge e oito seguidores de sua doutrina (KIRSCH, 1912); e, também, no ano 398, um edito imperial decretou a pena de açoite e exílio para Joviniano e seus seguidores (HUNTER, 2001).

continua a réplica à controvérsia levantada pelo monge Joviniano. Com isso, os tratados agostinianos sobre o casamento e a virgindade, iniciados a partir do ano 401, formam uma estrutura complementar, isto é, uma reflexão se conecta com a outra: elas estão ancoradas em uma espécie de um arranjo díptico (HUNTER, 2001). Nestas duas obras – *De Bono Coniugali* e *De Sancta Virginitate* –, o bispo Agostinho refletiu sobre o casamento e apresentou o lugar da virgindade dentro da Igreja Católica; demonstrou o matrimônio e a continência como algo que não passava de dois estados sucessivos da harmonia humana (BROWN, 1990)⁸. A controvérsia joviniana proporcionou que Agostinho desenvolvesse elementos de uma doutrina cristã sobre o casamento e, também, levou o bispo a ter uma atenção especial para a questão do celibato (HUNTER, 1999). Agostinho se tornou particularmente austero quando enfrentava grupos que lhe pareciam fechados em si mesmo, contrários a doutrina oficial da Igreja Católica. Ele apresentou a ortodoxia moral da sua Igreja não só como a única verdadeira, mas também como a Igreja da maioria (BROWN, 1999).

No final do século IV e no início do século V, tivemos um profundo debate eclesiástico ao redor das figuras simbólicas de Adão e Eva no Jardim do Éden. Havia a posição de que esses dois personagens não eram sexuados e que a sexualidade era consequência da chamada Queda. Discutia-se, também, intensamente sobre o nascimento de Jesus, pois muitos tinham a posição de que Maria conservou seu estado virginal durante e depois do parto (CAMERON, 1993). Para uma compreensão melhor da condição do gênero humano na sociedade, os Padres da Igreja – em especial, Jerônimo e Agostinho –, ancorados na tradição judaico-cristã formularam as representações identitárias dos polos masculino e feminino na Igreja. Desta maneira, essa construção social e cultural tinha características ligadas a elementos em torno da sexualidade humana, em especial, a renúncia das práticas consideradas como obras da carne⁹. Agostinho e Jerônimo, ao escreverem os tratados sobre a sexualidade, nos séculos IV e V, buscaram entender a visão cristã sobre o sexo formulada pelos Padres da Igreja que os antecederam. O bispo de Hipona compreendeu a existência de um conjunto de concepções anti-sexuais que faziam parte do

⁸ De acordo com Sot (1992), o casamento nas Escrituras dos cristãos é representado de forma diferenciada. Primeiro, no Antigo Testamento, temos dois relatos da criação que culminam na consolidação do casamento – enaltecendo, deste modo, a figura da companheira do homem, sua união e fecundidade. Por outro lado, o Novo Testamento, evidencia-se o celibato – os homens eunucos voluntários e a superioridade da virgindade ante o casamento, marcados pelo celibato de Jesus e virgindade de Maria.

⁹ A expressão carne no Cristianismo foi um baluarte contra o mundo (*saeculum*); com isso, a renúncia sexual era um exemplo da necessidade dos cristãos de controlarem um corpo exposto aos diversos infortúnios do mundo. Em Agostinho, a carne não era simplesmente o corpo humano, todavia tudo aquilo que levava o eu a querer sua própria vontade do que a vontade de Deus. E, por sua vez, Jerônimo cristalizou a sexualização da noção paulina de carne, em sua exegese dos textos de Paulo (BROWN, 1990).

pensamento cristão da sua época; e, da mesma forma, teve ciência que a sexualidade era um desvio de devoção (SALISBURY, 1995).

Em seus escritos morais, apologéticos e cartas, Jerônimo e o bispo Agostinho combateram indiretamente e diretamente controvérsias religiosas de sua época, a saber, o Jovinianismo e o Maniqueísmo, pois essas tendências religiosas – consideradas heresias pela Igreja Católica – tiveram uma intensa repercussão sobre perspectiva moral e sexualidade na sociedade na qual esses Padres da Igreja estavam inseridos.

Com efeito, concordamos com Cardoso e Brignoli (1983, p. 412) que asseveram que a “[...] construção de modelos históricos não podem ser feitas sem recorrer-se ao método comparativo [...]”. Por conseguinte, a proposta da História Comparada, consiste *grosso modo*:

[...] na possibilidade de se examinar sistematicamente como um mesmo problema atravessa duas ou mais realidades histórico-sociais distintas, duas estruturas situadas no espaço e no tempo, dois repertórios de representações, duas práticas sociais, duas histórias de vida, duas mentalidades, e assim por diante. Faz-se por mútua iluminação de dois focos distintos de luz, e não por mera superposição de peças (BARROS, 2007, p. 24).

A presente pesquisa está ancorada no aporte metodológico produzido por Marc Bloch. Para esse autor a comparação na História poderá ser realizada a partir da análise de duas sociedades próximas no tempo e no espaço, onde uma exerce influência sobre a outra. Deve-se, com isso, buscar por meio desse método a percepção não somente das semelhanças como também as diferenças entre essas sociedades (BARROS, 2007)¹⁰. Consequentemente, escolhemos as representações de gênero nos discursos de Jerônimo e Agostinho, produzidos em suas respectivas sociedades, a saber, Península Itálica e o Norte da África romana como parâmetro de comparação neste projeto de doutoramento.

Desta maneira, problematizaremos como foi construída a institucionalização da condição social e sexual de homens e mulheres feita por Agostinho e Jerônimo, no século V, como eles entenderam a liberdade social tida por algumas mulheres religiosas e, por conseguinte, como foi construído o papel do gênero feminino na Igreja. Isto é, será comparada nas obras agostinianas e jeronimianas a forma em que esses nos apresentam o comportamento dos seres humanos em sua

¹⁰ O exemplo mais concreto da aplicação dessa abordagem feita por Marc Bloch foi apresentado em sua celebre obra *Os Reis Taumaturgos* (BARROS, 2007).

sociedade, a projeção da conduta desejada de uma mulher cristã, o comportamento prático das mulheres religiosas, e a posição social dessas na Igreja.

Com isso, ancorado nas obras de Agostinho e Jerônimo, buscaremos entender o contexto, a realidade situada desses escritos e compararemos as características comportamentais existentes nesses discursos; em seguida, iremos fazer a análise dessas obras de forma particular e, conseqüentemente, compilaremos os pontos em comuns e aqueles contrários enunciados nessas obras morais e apologéticas de Agostinho e Jerônimo; por fim, faremos uma análise e reflexão desses elementos encontrados nesses discursos com o objeto de entender a problemática levantada anteriormente.

Bibliografia Básica

Obras de Jerônimo e Agostinho

AGUSTÍN, S. La bondad del matrimonio. In: **Obras completas de San Agustín: Tratados morales**. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 581-653.

AGUSTÍN, S. La santa virginidad. In: **Obras completas de San Agustín: Tratados morales**. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 693-770.

JERÓNIMO, S. Contra Joviniano. In: **Obras completas de San Agustín: Tratados apologéticos**. v. 7. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009, p. 117-401.

Obras de apoio

BARROS, J. D. História Comparada – um novo modo de ver e fazer história. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, volume 1, número 1, p. 1-30, 2007.

BROWN, P. **A Ascensão do Cristianismo no Ocidente**. Lisboa: Presença, 1999.

BROWN, P. **Corpo e sociedade: o homem, a mulher e renúncia sexual no início do cristianismo**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

CAMERON, A. **The Later Roman Empire A.D. 284-430**. Cambridge: Harvard University Press, 1993.

CASQUEIRO, M. A.; CELESTINO, M. M. Introducción In: JERÓNIMO, S. **Obras Completas de San Jerónimo**: tratados apologéticos. v. 8. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2009, p. 13-121.

CARDOSO, C. F. S.; BRIGNOLI, H. P. **Os Métodos da História**: introdução aos problemas, métodos e técnicas da história demográfica, econômica e social. Rio de Janeiro: Graal, 1983.

DETIENNE, M. **Comparar o incomparável**. Aparecida: Idéias & Letras, 2004.

GRIBOMONT, J. Joviniano. In: DI BERARDINO, A. (Org). **Dicionário Patrístico e de Antiguidades cristãs**. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 783.

HEILBORN, Maria Luiza; ARAÚJO, Leila; BARRETO, Andreia (orgs). **Gestão de políticas públicas em gênero e raça/GPP-GeR**: módulo 2. Rio de Janeiro: CEPESC; Brasília: Secretaria de Políticas para as Mulheres, 2010.

HUNTER, D. G. Bono conjugali, De. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 191-193.

HUNTER, D. G. General Introduction. In: AUGUSTINE, S. **Marrige and Virginity**. New York, New City Press, 1999.

HUNTER, D. G. Joviniano. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 769-770.

HUNTER, D. G. Matrimonio. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 870-874.

HUNTER, D. G. Virginitate, De sancta. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 1332-1334.

KIRSCH, J. P. Pope St. Siricius. In: **THE CATHOLIC ENCYCLOPEDIA**. New York: Robert Appleton, 1912. Disponível em: < <http://www.newadvent.org/cathen/14026a.htm>>. Acesso em: 15 janeiro 2013.

PAGELS, E. **Adam, Eve and the Serpent: Sex and Politics in Early Christianity**. New York: Vitange Books, 1989.

RODRÍGUEZ DÍEZ, J. Introducción (La bondad del matrimonio). In: **Obras completas de San Agustín: Tratados morales**. v. 12. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2007, p. 544-577.

SALISBURY, J. E. **Pais da Igreja, Virgens independentes**. São Paulo: Scritta, 1995.

SCOTT, J. W. Gender: A Useful Category of Historical Analysis. **The American Historical Review**, New York, vol. 91, n. 5, 1986, p. 153-1075.

SOT, M. A gênese do casamento cristão. In: DUBY, G. (Org.) **Amor e Sexualidade no Ocidente**. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 163-175.

THELM, N; BUSTAMANTE, R. História comparada: olhares plurais. **Revista de História Comparada**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 1-23, 2007.

VESSEY, M. Jerónimo. In: FITZGERALD, A. (ed.) **Diccionario de San Agustín**. Burgos: Monte Carmelo, 2001, p. 751-755.